

VISÃO DO CORREIO

Preços de alimentos não devem ser contidos na canetada

A bronca que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu nos seus ministros, na última segunda-feira, teve endereço certo e meta estabelecida. Lula cobrou trabalho e resultados de todos os ministros, mas especificamente ao titular da Agricultura, Carlos Fávaro, e ao da Fazenda, Fernando Haddad. O primeiro, pelo aumento dos preços dos alimentos e o segundo, pela confusão feita com a portaria da Receita Federal com a divulgação de novas normas de fiscalização envolvendo operações com o Pix e também pela alta dos preços. O motivo é simples e o presidente anunciou na abertura da reunião ministerial: “2026 já começou”.

O incômodo maior é com o fato de a desaprovação ao governo ter superado, no início deste mês, a aprovação, conforme pesquisa Atlas Intel. A reaprovação atingiu o maior nível da série histórica e chegou a 49,8%, enquanto a aprovação foi de 47,8%. O presidente sabe que, com esses níveis de desaprovação, se torna alvo fácil para os opositores, e identificou na alta de preços o problema que precisa ser resolvido no decorrer deste ano. Embora deseje e tenha pedido esforço dos ministros no sentido de baratear o custo de vida dos brasileiros, a tarefa vai exigir mais do que medidas de gabinete.

No ano passado, a inflação voltou a estourar o teto da meta fixada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), chegando a 4,83%, puxada pelo item alimentos e bebidas, que subiu 7,69%, portanto, muito acima da inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Pesaram no custo da alimentação, que sozinha teve alta de 8,23%, os preços do café e das carnes. Os cortes de proteína animal subiram 20,48%, enquanto o café moído disparou e subiu 39,6% no ano. E o que explica esses aumentos, entre outros fatores, são problemas climáticos, ciclo de produção e maior demanda no mundo e no mercado interno.

Não são fatores que permitam uma atuação vertical para redução dos preços. Depois da reunião na segunda-feira, informações desencontradas, partidas da Casa Civil, indicavam uma intervenção para baixar o valor dos alimentos. É, sim, necessário encontrar formas de conter os aumentos de preços de itens da cesta básica que pesam sobretudo na população com menor renda, mas é preciso cuidado na forma de buscar soluções. Intervenções de governo no mercado costumam causar mais problemas do que soluções.

O presidente Lula tem pressa, mas não é possível uma solução rápida. Incentivos para aumento da produtividade no campo levam tempo para surtir efeito, assim como a formação de estoques reguladores para equacionar oscilações nos preços de grãos e cereais, uma operação que depende de recursos públicos para compra dos produtos e de capacidade de armazenamento. Outra forma seria autorizar a importação de produtos cujos preços estão mais elevados. Nesse caso, no entanto, os itens que mais subiram têm cotações internacionais, com preços formados pela demanda e oferta, o que dificulta a busca por fornecedores com preços mais baixos.

É preciso agir e, sobretudo, mostrar que há preocupação com o que afeta o bolso da população, principalmente considerando a relação direta da alta do custo de vida com queda na aprovação do governo e do presidente Lula. Mas provocar ruídos, como ocorreu na quarta-feira, com informações desencontradas sobre intervenção no mercado de alimentos e especulações do que pode ou deve ser feito não contribui para conter os preços, cuja acomodação tem um componente de estabilidade. O custo da alimentação vem subindo mais do que a inflação há alguns anos e há indícios de que este ano também os itens básicos vão ficar mais caros. Nesse caso, o governo deve ter cautela, para não ser ele mais um fator a pressionar os preços.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Habilitação

Na virada do ano, o custo de renovação para a Carteira Nacional de Habilitação no DF aumentou em mais de 17%, entre taxas do Detran e da clínica. Aumento abusivo, muito além da inflação. As clínicas culpam o Detran. Além disso, no DF, pratica-se uma das mais altas taxas do país, uma vez que cada estado tem uma diferente. O que diz o órgão público?

» **Humberto Pellizzaro**
Asa Norte

Submissão

A submissão de alguns grupos políticos do atraso (direita e extrema direita) fica muito explícita nos atos de idolatria ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. A falta de informação ou de leitura dos eleitores provoca prejuízos à sociedade. Trump é apontado como o primeiro presidente que tem dívidas elevadas com a Justiça norte-americana, por um elenco bem pesado de falcatuas. Ele voltou ao poder e, em algumas ações judiciais, não poderá usar da prerrogativa de se autoprezoar, como fez com os vândalos e criminosos do 6 de janeiro de 2021. A gigantesca quadrilha foi amistiada e volta às ruas e sabe-se lá quais serão os novos crimes que praticarão no país. Hoje, os Estados Unidos não poderão mais se gabar como a maior democracia do mundo. Em lugar disso, estarão habilitados a um distinto espaço na galeria das autocracias. Algo bem semelhante a tantos outros regimes que amordam a liberdade dos cidadãos. No Brasil, os bolsoneiros tentaram reproduzir, em 8 de janeiro de 2023, o 6 de janeiro norte-americano. Não deu certo. Os criminosos estão na cadeia. Várias ex-autoridades que lideraram o motim poderão, em breve, fazer companhia aos

seus seguidores. Por mais que critiquem o Judiciário brasileiro — em boa parte, com razão —, a Alta Corte tem sido impecável para punir aqueles que tentaram, sem êxito, limar o Estado Democrático de Direito, e para frustrar os que desejavam a volta do mais hediondo sistema, a ditadura.

» **Wilson Cosme**
Asa Sul

Audiência na AGU

A Advocacia-Geral da União (AGU) fez, nesta semana, uma audiência pública sobre a moderação do caso Meta. Acontece que a AGU não tem legitimidade jurídica para essa audiência. Primeiro, porque, pela Constituição e pela lei complementar, cabe à AGU a representação da União, extra e judicialmente, e atividades de consultoria e assessoramento ao Poder Executivo. Segundo, porque a legislação exige que audiências públicas sirvam para auxiliar decisão do órgão público e, no caso, não há decisão a ser tomada pela AGU. Ao contrário: a audiência está servindo para colher informação que serão repassadas ao Supremo Tribunal Federal (STF). A lei não impõe uma moderação específica às redes sociais e a Meta disse não saber quem quer como e quais alterações serão feitas no Brasil, ou seja, como dizemos no mundo jurídico, não haveria sequer “interesse de agir”. Vale dizer ainda que a quase totalidade dos convidados pela AGU reforça o que pensa o governo. Não à toa, as redes se recusaram a comparecer, em uma situação previamente definida contra elas. Debate se faz ouvindo quem pensa diferente; se não, vira mero mise-en-scène.

» **Ricardo Santoro**
Lago Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Primo rico, primo pobre: Trump ameaça o planeta, Milei ameaça sair do Mercosul.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

A imprensa poderia fazer uso da sua liberdade, se é que tem, e não publicar nada relativo a políticos inimigos declarados da democracia.

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

Ao contrário do que propala o povo da direita, Ainda estou aqui não obteve recursos da Lei Rouanet. Parabéns ao filme, ao diretor e à atriz pelas indicações ao Oscar!

Marcos Paulino — Vicente Pires

Ainda estou aqui concorre em três categorias do Oscar 2025, melhor filme, melhor filme estrangeiro e melhor atriz — **Fernanda Torres**. Ganhamos a Copa do Mundo três vezes.

Aretha Bahia — Saubara (BA)

Viva a arte brasileira! Viva o cinema do Brasil! Viva a Democracia!

Silvana Andrade — Araras (SP)

Citação atribuída ao filósofo Voltaire — numa época em que não existiam fake news: “Eu não concordo com uma só palavra das que dissestes, mas defenderei até a morte o vosso direito de fazê-lo”.

Lauro A. C. Pinheiro — Asa Sul

O comentário do presidente americano de que não precisa da América Latina e do Brasil é um exemplo de arrogância e falta de diplomacia elevado ao quadrado. Compramos muito daquele país, merecemos respeito.

Marcos Gomes Figueira — Águas Claras



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Nossa história no Oscar

O Brasil vive um clima de Copa do Mundo. E não é à toa: presenciamos, sim, um momento histórico. A indicação de *Ainda estou aqui* em três categorias do Oscar — melhor filme, melhor filme internacional e melhor atriz para Fernanda Torres — é mais um belo capítulo do cinema nacional, relegado a um segundo plano em muitos dos nossos governos.

A conquista de *Ainda estou aqui* — ou *I'm still here*, em inglês — é mais do que artística. É a oportunidade de mostrar ao mundo, na maior celebração da sétima arte em todo o globo, uma parte dolorosa da nossa história: os anos de chumbo entre 1964 e 1985. Um período que precisa ser sempre lembrado, contado e recontado aos nossos descendentes para que nunca mais volte a ocorrer.

Ao expor os abusos cometidos durante a ditadura, sem ser explícito politicamente, *Ainda estou aqui* nos convida a valorizar os avanços democráticos conquistados com tanto sacrifício. Narrar os horrores praticados pelos militares a partir de personagens reais é um tributo às vozes que resistiram à opressão e construíram nossa liberdade, como Eunice Paiva, uma mãe de cinco filhos que lutou por décadas para que o Estado brasileiro reconhecesse a morte do marido, o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva.

Valorizar o feito de *Ainda estou aqui* é tão importante quanto deixar o pachequismo de lado, afinal, o longa de Walter Salles entra como azarão na categoria principal, que tem fortíssimos concorrentes como *O brutalista* e *Conclave*. Mas, ao mesmo tempo, é possível sonhar em melhor filme internacional, que tem o drama musical francês *Emilia Pérez* como favorito, e melhor atriz, em que Fernanda Torres tem uma grande rival: Demi Moore está espetacular em *Substância*, um terror de ficção científica que choca e nos faz refletir sobre o culto à beleza, a todo custo.

A entrega do Oscar ocorrerá em 2025 em uma das datas mais populares do nosso calendário: o domingo de carnaval. A transmissão do tradicional desfile das escolas de samba na Marquês de Sapucaí vai dividir a audiência na televisão e nas redes sociais com a premiação da Academia de Artes Cênicas e Cinematográfica.

Ganhar ou não é o que menos importa a partir de agora. O reconhecimento internacional de *Ainda estou aqui* recoloca o cinema brasileiro em um patamar de protagonismo que merece. Além de valer como um importante recado aos nossos governantes: a cultura é, sim, ferramenta de transformação social.

O mundo assiste. E o Brasil conta a sua história.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

| Localidade | SEG/SÁB | DOM |
|------------|---------|-----|
|------------|---------|-----|

| | | |
|-------|----------|----------|
| DF/GO | R\$ 5,00 | R\$ 7,00 |
|-------|----------|----------|

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078

- Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / (61) 1582.1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br